

Liberdade, igualdade, fraternidade, progresso são os valores da época. Ao mesmo tempo que traduzem as reivindicações da burguesia, constituem um estímulo ao domínio cada vez maior do novo sistema.

E' preciso produzir cada vez mais e melhor. Para tanto é necessário estimular cada qual ao exercício das suas qualidades, ao esforço, prometendo-lhe uma recompensa—*igualdade*. Igualdade significa que cada um pode ter aquilo que quiser, se trabalhar. E' preciso conquistar os cargos públicos. Haja igualdade. Quere-se aliviar a burguesia nos impostos, compensando esse alívio com o aumento dos impostos da aristocracia, que gozava de privilégios tributários que iam quasi até à isenção—igualdade tributária. O novo sistema estende os seus interesses até aos outros continentes, e aparece o mito das *cruzadas civilizadoras*. O novo sistema estende-se a diversos países e porisso haverá paz—fraternidade.

Os novos valores cada vez se afirmam mais. Constituem já, do século XVII em diante um verdadeiro «clima» ideológico. Cada avanço da ciência e da técnica são outras tantas evidências do progresso, das possibilidades da classe que agora domina.

O domínio do novo sistema, dos novos senhores, apoia-se agora num vasto movimento filosófico, que vem desde a Renascença. Descartes, Espinoza, Leibniz, etc., são fortes apoios *teóricos* da nova ideologia. Descartes traz a sua contribuição para a filosofia da igualdade, combate a filosofia medieval e, com o seu apêlo ao domínio do homem sobre a Natureza, apoia fortemente no campo ideológico a ascensão da classe triunfante.

Os economistas, de uma maneira geral, só vêm harmonias no novo sistema económico.

As artes plásticas e a literatura exprimem confiança na vida, alegria de viver, exaltam o poder criador do homem, criticam os restos do feudalismo.

A *Razão* é pela segunda vez entronizada. O misticismo e o contemplativismo perdem o sentido para a maioria das pessoas.

Na Idade-Média, os pensadores contemplavam os céus e meditavam na grandeza de Deus. Os pensadores de agora contemplam a obra do homem, meditam na sua grandeza, exaltam a inteligência, a *Razão* humana.

No século XVII a corrente racionalista engrossa, caracterizada por um grande ceticismo perante a monarquia e a teologia. Pascal, Locke, Fontenelle, Espinoza, marcam alguns aspectos desta tendência.

A Europa atravessa uma crise de consciência, em que amadurecem as ideias que mais tarde, no século XVIII, não-de-ter um sucesso extraordinário.

Charles Perrault funda o progresso na fixidez das leis naturais. Depois, o fundamento há-de ser justamente o contrário.

As ideologias são acompanhadas de grandes modificações nos modos de produção, que lhes vem dar maior consistência. Assim, no século XVIII opera-se a primeira revolução industrial, que é a revolução da máquina a vapor. Graças a ela, passa-se da manufatura à fábrica, graças a ela, a grande burguesia triunfa sobre a aristocracia rural e a pequena burguesia dos ofícios. A máquina a vapor revoluciona a produção industrial. A manufatura é substituída pela grande indústria e, em consequência disso, a pequena burguesia pelo grande industrial, pelo *magnate*.

As descobertas dos caminhos marítimos da Europa para outros continentes desenvolvem os transportes, o que, por sua vez, vem desenvolver ainda mais as indústrias.

No século XVIII, também, desenvolve-se um forte movimento filosófico, que apoia a classe triunfante—o movimento da *Enciclopédia*, em França, cuja enorme influência sobre os acontecimentos posteriores não deve esquecer-se. Movimento racionalista, de tendências marcadamente materialistas (Diderot, por exemplo) e anti-místicas.

Os enciclopedistas dirigem os seus ataques contra os restos do feudalismo agonizante. Propõem melhoramentos nas instituições, que terão, como consequência, o melhoramento do próprio homem. Prometem o progresso humano através de novas instituições, novas leis, da divulgação das «luzes» da ciência, da liberdade e da igualdade.

As «luzes» fazem sucesso. Condorcet chega mesmo a escrever: «toda a sociedade que não é esclarecida pelos filósofos é burlada pelos charlatães».

Rousseau vem, porém, declarar (*Discurso sobre as ciências e as artes*) que o progresso das ciências e das artes coincide com uma evidente corrupção dos costumes de grande parte da sociedade. Denuncia as instituições feudais que degradam o homem e propõe a correcção do mal por meio de novas instituições.

Passado o primeiro momento de confusão, a Enciclopédia absorve esta crítica de Rousseau ao feudalismo, e propõe também novas instituições estranhas ao Direito Divino e à Igreja.

O movimento enciclopedista influencia não só a literatura francesa da época, mas também a de muitos outros países. Influenciado pelo «clima» ideológico da sua época, este movimento vem, por sua vez, influenciar o meio. Dele derivam o fundo ideológico da Revolução francesa e das revoluções burguesas de muitos países.

A Revolução francesa é o triunfo definitivo da burguesia sobre a aristocracia, sobre os restos do feudalismo.

Noutros países também estalam revoluções liberais. O alastramento do regime liberal trará a paz, a fraternidade. E não falta quem acredite.

Bem estar, igualdade, justiça social, liberdade, fraternidade, progresso, são valores que se consolidam pelo século XIX adiante.

A ciência progride, a indústria avança com as aplicações práticas da ciência, a produção aumenta. O homem domina a natureza, põe-na ao seu serviço. Constitui-se uma economia capitalista mundial. Realizam-se exposições industriais que influenciam a ideologia (1851, 1855, 1867, 1878). Há enorme entusiasmo pela ciência e pelas suas aplicações práticas, sobretudo à indústria e à agricultura. A filosofia científica, o racionalismo, conquistam adesões. O positivismo de Comte, o Hegelianismo e o Darwinismo são as grandes forças ideológicas do progresso durante o século XIX. Ao lado delas, vários movimentos humanitaristas, como o *sentimentalismo*, vem reforçar a crença no progresso humano, na democracia social, crença que de dia para dia se generaliza.

As conquistas da medicina, por outro lado, trazem a sua pedra para o edifício do progresso.

Os médicos, os engenheiros (como um Lesseps, por exemplo), e ainda o grande industrial activo, empreendedor, são os novos heróis, em substituição do cavaleiro, do doutor da Igreja e do santo, que exprimiam os ideais antigos.

E todos se associam no coro do progresso e do optimismo humanitário. Vacherot exclama um dia: «nós queremos ao dogma do progresso como um crente à sua fé. Ninguém no-lo tirará. E' a primeira verdade da nossa religião». Pasteur, no discurso do seu jubileu (muito difundido então, tendo até entrado nas leituras morais das escolas), exprime a sua confiança «invencível» na ciência e na paz, para «triunfar da ignorância e da guerra» e preparar «o dia em que os homens se entenderão não para destruir, mas para edificar». «Jovens, jovens, exclamava, confiai nestes métodos seguros, poderosos, de que apenas conhecemos ainda os primeiros segredos. E todos, seja qual for a vossa profissão, não vos deixeis desanimar pelas tristezas de certas horas que passam sobre uma nação. Vivei na paz serena dos laboratórios e das bibliotecas. Perguntai primeiramente a vós mesmos: Que fiz pela minha instrução? Depois, à medida que avançais: Que fiz pelo meu país? Até ao dia em que tereis, talvez, esta imensa felicidade de pensar que haveis contribuído com alguma coisa para o progresso e para o bem da humanidade».

Esta confiança na ciência, na *Razão* humana como meios de atingir a felicidade material e moral do homem, é bem característica da época.

A Escola Sociológica francesa, de Teükhelm pretende investigar o carácter específico dos factos sociais. Uma vez apurado esse carácter específico, poder-se-ia agir sobre os próprios factos. As ideias da Escola Sociológica entram na doutrina oficial da III República.

A literatura do século XIX reflecte estas ideias, a confiança na ciência e no progresso, a esperança numa democracia social, o humanitarismo.

Dêsde o romântico Vitor Hugo ao realista Zola sente-se uma onda forte de humanidade na literatura, uma aproximação crescente dos problemas sociais. Hugo pretende traçar uma epopeia do homem, reabilitá-lo das misérias de toda a espécie que sobre ele pesam. Zola pretende basear os seus romances sobre as aquisições da ciência, da ciência biológica, sobretudo. E na literatura já se faz a critica da sociedade burguesa, especialmente da grande burguesia, cujos movimentos de recuo são já bem evidentes (o caso Dreyfus, em França, põe-os aos olhos de todos).

O escritor do século XIX alimenta as suas produções dos problemas sociais, toma partido e, muitas vezes, desce ao terreno da luta.

Entre nós, Antero, Eça, Ramalho e outros foram escritores eminentemente sociais, misturados à luta.

Antero e Eça exprimiram a sua crença no progresso e na renovação da democracia, em sentido social, através de numerosos escritos e algumas conferências, criticaram os cos-